

CONSIDERAÇÕES SOBRE MÃES DE AUTISTAS E A DEVASTAÇÃO FEMININA

Ariadne Messalina Batista Meira¹

Pedro Augusto Araujo Ribeiro²

Introdução

O discurso científico que vigora na atualidade sustenta-se em premissas de predição e generalização, que se confortam na pretensa segurança das estatísticas para simplificar suas explicações para a realidade. Trata-se, aqui, da possibilidade de planejar, controlar e, no campo *psi*, de fornecer diagnósticos precisos, na medida que o indivíduo se encaixe em determinado perfil. É na direção oposta que o trabalho ora em apreciação pretende seguir, traçando seu caminho a partir da psicanálise lacaniana e da égide do caso-a-caso, sustentando a possibilidade de saber não-saber sobre o inconsciente do outro, na medida em que só ele pode dizer de si.

Seguindo esse caminho, embora a cultura ocidental delegue à mãe o lugar da plena satisfação ante a criança, a clínica e o cada um apontam furos a essa lógica, na medida em que demonstram formas distintas de os sujeitos lidarem com a maternidade, que podem perpassar, inclusive, a loucura, a dor, a angústia ou o ódio.

Se a criança, como aponta Miller (2014), vai dividir no sujeito feminino a mulher a mãe, a clínica vai apresentar a face do gozo feminino da devastação e a impossibilidade, para algumas, de serem colocadas no lugar da maternidade. Diante disso, esse trabalho tem por objetivo a implicação em torno das possibilidades existentes entre a mãe que é mulher devastada e a criança autista, a quem se endereçou um desejo anônimo, a partir de casos acompanhados em uma instituição de saúde mental na paraíba. É importante frisar que não pretendemos nos ater a estes de maneira aprofundada, pois não se trata de um estudo de caso, mas tão somente de apontar para uma relação que se destaca dentre as falas de algumas mães, que pode indicar algo nessa relação.

Resultados e discussões

¹ Graduanda de psicologia na Universidade Federal de Campina Grande e membro do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana – LAPSO (UFCG/CNPq);

² Graduando de psicologia na Universidade Federal de Campina Grande e membro do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana – LAPSO (UFCG/CNPq);

A partir do século XVIII, com as mudanças na ordem econômica, começa-se a desenvolver o sentimento de valorização da infância na Europa, que leva a diversas transformações na organização da família e nos lugares ocupados por seus membros (MOURA & ARAÚJO, 2004). As mesmas autoras apontam que esse percurso desemboca, progressivamente, na mudança do foco da autoridade paterna para dar lugar a exaltação do amor materno como algo natural e social, cabendo a mulher ocupar-se com sua prole, já que seria algo concernente apenas a “natureza feminina”. Essas concepções deram vazão ao discurso médico e filosófico, que sustentaram a valorização do devotamento e do sacrifício da mulher em prol dos filhos enquanto algo inerentes a natureza feminina.

Diante desses percursos, a maternidade é ainda hoje marcada pelos discursos que a associam a plenitude, felicidade, satisfação e ternura, que carrega a imagem de uma adequação perfeita, em cujo cerne está uma criança que foi fortemente desejada (DE GEORGES, 2014). Segundo o autor, esse discurso tão exaltado não dá lugar para a verdade de que, em alguns casos, a relação com um filho ou uma filha as tornará mães dolorosas, vivenciando uma maternidade que, para algumas mulheres, serão sentidas como sinal de seu sofrimento.

Cette expérience est marquée, pour chacune d'elles, par l'angoisse et par la culpabilité que suscitent chez une mère les difficultés extrêmes que peut connaître un enfant. Enfant que l'on dit "à problèmes", enfant souffrant ou rebelle, enfant dans l'incapacité de trouver sa place dans le groupe social ou stigmatisé par la société, ou encore en proie au délire (DE GEORGES, 2014, p. 18).

Nessa construção, fundam-se as premissas para uma não universalização dos conceitos, já que as possibilidades de construção acabam por exaltar o que há de mais único, a construção sintomática. A clínica psicanalítica, assim, distancia-se de qualquer premissa fenomenológica, que corresponda a uma concepção universalizante, da ordem de uma generalização, e vem fazer frente ao discurso científico em voga, da técnica, descompromissado com o pensar, mas sobretudo preocupado com a quantidade de produções. Partindo da lógica própria do sujeito, referida ao desejo inconsciente, a psicanálise vai apostar no pensar e sua condução ao indizível da linguagem, sem se conformar com uma explicação simplificante (VIDIGAL, 2015) que seja “válida para todos”, como buscam as ciências preditivas. É segundo a lógica do caso a caso que se sustenta o pensar em psicanálise, que estrutura as bases para o saber não saber, na medida em que não se pode saber previamente do inconsciente do outro. Com isso, compreendemos que o argumento desenvolvido no presente trabalho não pretende escorregar no terreno das generalizações,

mas que emerge do *pensar* sobre o caso, em que maternidade, devastação e autismo parecem se ligar de alguma forma.

Nessa direção, Rocha (2015) aponta a fecundidade da maternidade em reproduzir as diversas formas de embaraços do amor, e os reflexos possíveis das desordens amorosas na história entre a criança e a mãe. Assim, segundo a mesma, diante de um Outro apresentado em sua face de devastação, a criança poderá estar sujeita as diversas formas de gozo desta mãe, de maneira que crianças-objeto terão que se haver com a posição de resto ocupada para o desejo desse Outro.

E o que é a devastação? Segundo Miller (2003), é uma depredação sem limites, uma dor que não cessa. Isso, como nos lembra Dafunchio (2011), acontece devido à localização do gozo feminino estando no lapso infinitesimal entre os significantes, não estando em uma cadeia como o que se localiza no gozo masculino nos números naturais, mas a partir dos números infinitesimais, que fazem com que a mulher, ou o sujeito que está do lado feminino das fórmulas da sexualização, possa ceder ao parceiro o lado fálico, seja esse parceiro sua mãe ou um sujeito devastador, seguindo sem referências ao gozo fálico. Miller (2003) situa o termo devastação simétrico ao sintoma, que diferem na medida em que o sintoma diz de um sofrimento localizável, enquanto a devastação diz de uma dor que não conhece limites, e estabelece um paralelo entre essa e o amor, na medida em que ambos estão marcados pelo “A barrado, o não-todo, no sentido do sem limites” (PINHEIRO; FREIRE, 2008, p. 152).

No texto “A criança entre a mulher e a mãe”, Miller (1999) aponta para o fato de que a existência da criança provoca uma divisão entre a mulher e a mãe, que pode dar um tratamento do gozo feminino pela via do “amor materno”. A função materna, enquanto Outro primordial, interpreta as manifestações da criança, realizando a introdução desta no mundo simbólico e no circuito da demanda. É, então, a partir do seu lugar de *falasser* que deixa a marca no filho, através dos significantes que atravessam e marcam o sujeito a partir da dimensão da fala (PINHEIRO; FREIRE, 2008), na medida em que a criança convoca o *falasser* a responder sobre esse algo que escapa à lei do pai. É a partir do inconsciente materno que será revelada a posição que a criança ocupará para a mãe a despeito da impossibilidade de possuir o falo e, nesse sentido, a constituição do sujeito está atrelada a essa posição subjetiva da mãe, na transmissão de um desejo que não seja anônimo (LACAN, 2003). O olhar desse Outro primordial é, portanto, fundamental para a criança dar conta do caos e do despedaçamento de seu ser, constituindo um corpo; assim, é possível concluir que consequências poderão ser extraídas a partir do *modo* como essa criança for olhada (DRUMMOND, 2015).

Há, contudo, uma diferença, como sustenta Drummond (2015), entre ter um filho e ser mãe, que vai remeter as questões que endossam o ser feminino e a falta de um significante que responda o que é a mulher. A solução da maternidade atravessa a questão do feminino para uma mulher, algo singular, na medida em que, como apontara Lacan, “a mulher não existe”, portanto, não faz grupo. Segundo Vidigal (2015), a mulher do inconsciente é o contrário da mãe, sendo esse Outro que vai encarnar a ferida da castração. Para a mulher devastada, estaria em voga o real do amor, a outra face deste, em que o gozo feminino não receberia o tratamento supracitado (ROCHA, 2015), mas colocaria em cena a vertente do “amódio”, nesse gozo feminino da ordem do inclassificável. Pode-se dizer, portanto, que há maior predominância aqui da mulher do que da mãe.

Quando Lacan (2003) escreve “Duas notas sobre a criança”, aponta que a criança, frente ao Outro, pode ocupar uma posição sintomática ante a estrutura familiar ou a posição de objeto, quando da não operação da metáfora paterna, de modo que a criança “se torna o ‘objeto’ da mãe, e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade deste objeto” (p. 156). É nesse ponto que se faz fundamental a inserção de um terceiro que inscreve a possibilidade de a criança não preencher, mas dividir o sujeito feminino, e que dê conta desse excesso de amor, posto que, diante dessa captura, só resta a criança a realização da fantasia materna. Em outra direção nesse caminho, acompanhando Pinheiro e Freire (2008) que discorrem sobre “A devastação e sua incidência na clínica do autismo”, haveria, no autismo, algo da incidência de um não endereçamento, que lança esse sujeito no anonimato da linguagem, que fala de seu desaparecimento enquanto sujeito.

É fundamental aqui que seja mantida a devida distância com os discursos culpabilizadores que têm sido endereçados à psicanálise (VIDIGAL, 2015). Não se trata de falar de uma suposta mãe patologizante, pois não é disso que a psicanálise fala, mas tão somente das saídas possíveis a cada sujeito envolvido nessas tramas a partir do que lhes foi ofertado, do que lhes foi possível.

Nesse sentido, a experiência clínica tem nos confirmado que as questões inter-relacionais são fundantes na formação do sujeito. Compreende-se, então, que existe uma espécie de resposta que o sujeito em formação dá às contingências levantadas pela relação de cuidado, uma espécie de autorização em relação ao Outro (LACAN, 1979). Como o esquema L pode nos apresentar, quando Lacan o postula em seus Escritos, ele dá conta de um sujeito que existe com o outro, a relação se dá com o outro e assim, também, a construção de si e entrada no simbólico são completamente inter-relacionais (LACAN, 1998).

A questão com o autismo nesse trabalho emerge a partir do estágio em uma instituição de saúde mental, quando os depoimentos de muitas mães revelaram a dificuldade de ser mãe de seus filhos autistas, não pelo fato dessas crianças terem sido diagnosticadas enquanto tais, mas algo na fundação dessa maternidade e da experiência de adoção de um filho, mesmo que biológico, dentro de uma caixa de frustrações. Tais relatos circulam as seguintes tramas: uma das mães relata depressão pós-parto; outra não conseguia amamentar seu filho, deixava-o chorar; uma terceira fala que nada mudou em sua rotina após o nascimento do filho, delegando os cuidados do recém-nascido a um terceiro que também se ocupava das atividades domésticas e mal podia dar-lhe atenção. As contingências fizeram com que essa maternidade fosse comandada por uma estranheza com a própria experiência de parturiente e com o enclausuramento do desejo.

Na instituição em questão, após os acolhimentos, no início das atividades das oficinas as quais eram encaminhadas as mães de crianças autistas com seus filhos, era-lhes delegada a atividade de escrita de seu próprio caso, que aqui daremos o nome de “Caso de maternidade”. Os casos bordeiam a questão do que é ser mãe, de como foi a descoberta de estar grávida, do que mudou na vida delas; destacamos, aqui, que muitas colocam a questão do casamento como um impedimento para que estivessem preparadas para cuidarem de seus filhos. Quando passamos a nos aproximar dos casos, alguns deles nos chama atenção, sendo ambos perpassados por filhos diagnosticados autistas: após grande dificuldade de manejo com a criança diagnosticada com autismo, nas entrevistas com a mãe, descobre-se que ela nunca falara com seu esposo após o nascimento de seu filho, mas algo de invariavelmente doloroso sustentava a parceria, uma parceria devastadora para tal mulher; em outro caso, a parceria amorosa veio como um convite para separar-se da casa que sempre lhe causara mal, já que sua família não dava nenhum lugar ao seu desejo. A gravidez, não desejada por ela, mas ansiada pelo marido, vem como uma sentença de irremediável dor, inclusive física, já que tem várias hérnias de disco, e revela também algo do quanto delega ao marido toda a ordem fálica e sucumbe em uma lógica não-toda ao desejo desse Outro, eclipsando o seu próprio desejo.

Dentre esses relatos, em um deles o silêncio do casal e, em outro, a mãe que engravida para realizar o desejo do marido, na contramão de seu desejo, observamos as crianças apresentando os fenômenos que os manuais trazem enquanto sintomas autísticos. Em relação ao casal silenciado, observa-se a boca sempre fechada, um completo emudecimento e uma dificuldade na relação com o outro, em que a mulher aponta sua impossibilidade de *falar*, pois isso acabaria seu casamento; a criança, então, tem a boca serrada, recusando-se a ceder o objeto voz, capturada nessa dimensão familiar. No segundo caso, há uma mãe que

lembra apenas de rejeitar alimentar seu filho através do próprio corpo, na amamentação, como já foi dito, mas que também se ocupava de ver se a criança engasgava, pois tinha medo de que morresse por asfixia, e que segue com medo que ele morra ainda hoje. Neste caso, é possível extrair que há um investimento mortífero a nível inconsciente, passado ao filho que, condescendente ao desejo materno, emudece e tem um corpo desorganizado, com um o pai que pouco intervém nessa relação.

Falamos aqui mais especificamente de dois casos, em que as mães apontam para uma parceria devastadora com seus cônjuges, ao mesmo tempo em que o que sobra para investir em seus filhos é a dor de uma parceria que as faz sofrer constantemente, mas que não está mirado no horizonte uma possibilidade de findar tal relacionamento, encontrando assim o que Nieves (2011) traz em seu texto “Nudos del amor”, sobre a parceria devastadora entre um homem e uma mulher.

Em “Sobre o narcisismo” Freud (1990) relata duas formas distintas de investimentos libidinais: os objetais e os narcísicos, Dito isto, é importante retomar que ao ter um filho a mulher desloca-se para o lugar de mãe, e o recém-nascido é colocado na posição de objeto, objeto esse a ser investido por quem opera a função materna. Segundo Marco (2011), o narcisismo está selado pela devastação, pois há algo que não adentra o simbólico nesta relação e que fica reservado ao real, pautado no infinitesimal entre os significantes, do lado do feminino e não-todo submetido à ordem fálica, sendo nesse bojo que o que resta para o investimento pode estar, também, na ordem do real.

A questão do investimento libidinal na criança é proporcional à desorganização corporal presente no autista. É a partir da ferida narcísica abrolhada do eu ideal, imputado pela figura do Outro primordial, que a imagem corporal começa a ser constituída, como Gianlupi (2003) resgata. Do lado do sujeito em formação é importante ressaltar que o autista se protege do verbo, mantendo uma relação muito particular com a linguagem, fazendo um uso do simbólico que não aceita o equívoco natural da língua, já que é deste ruído que o autista se protege.

Os pontos expostos, longe de apontarem para uma relação *necessária* entre a mulher devastada e o filho autista, buscam suscitar, por meio de casos que nos chegaram, a questão da maternidade e a devastação, com a dimensão do real que aí se insere pelo sem limites, e as vias que a criança sustentará como construção para que possa, minimamente, existir.

Considerações finais

As questões aqui levantadas apontam para aspectos teórico-clínicos relevantes no que diz respeito as possibilidades de cada sujeito lidar com o mal-estar, a partir das narrativas culturais que lhes são ofertadas. Segundo essa direção, ante ao se faz possível nas relações de algumas mulheres com seus Outros primordiais, a devastação se apresenta como esse modo de gozo da ordem de uma dor que não conhece limites, que perpassa as parcerias construídas pelos sujeitos, marcadas por essa depredação ilimitada que, por ser gozo, permanece estanque. Essa realidade atravessa a maternidade, na medida em que a existência da criança vai encarnar os entraves da parceria do casal.

Segundo recortes de casos aqui expostos, apontamos algumas possibilidades de se *pensar* acerca de elementos que aproximam a mulher devastada e a criança autista, ante a impossibilidade dessa mulher ocupar o lugar da maternidade e, portanto, dirigir um desejo que não seja anônimo a essa criança. Sustentamos, evidentemente, que a criança vai autorizar ou não as intrusões do Outro, em algum nível, se protegendo a partir dos recursos que possui e que lhe são ofertados.

Trata-se, aqui, de interrogar as interseções que se inscrevem nesses casos entre a criança que recusa um excesso, o sem limites do Outro, e a impossibilidade de alguns sujeitos operarem no lugar da função materna, assumindo o lugar de mãe do inconsciente, a partir do que cada sujeito vai interrogar na clínica e dos furos que irá apontar, que não se inscrevem, dessa forma, em um discurso generalista e universal, da ordem de uma predictividade, mas daquilo que se dá na contingência, no acaso, ante ao que cada um pode fazer com o lugar que lhe é ofertado no mundo.

Referências

DAFUNCHIO, N. S. Nudos del amor. Para una clínica de la pareja-síntoma. Buenos Aires, Del Bucle, 2011.

DE GEORGES, P. Mères Douloureuses – l'enfant cristallise leurs tourments. Paris: Navarin, 2014.

DRUMMOND, C. Olhar de mãe. Revista Curinga, n. 40, p. 93-101, 2015.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

GIANLUPI, A. G. F. Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. 2003. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROCHA, I. S. A. Amor e violência: a criança entre a mulher a mãe. Revista Curinga, n. 40, p. 119-124, 2015.

VIDIGAL, C. Mães Dolorosas. Revista Curinga, n. 40, p. 103-112, 2015.

MALEVAL, J-C. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: MURTA, A., CALMON, A., ROSA, M. (orgs.). Autismo(s) e atualidade : uma leitura lacaniana. Belo Horizonte, Scriptum Livros, 2012.

MARCOS, C. Mãe e filha: da devastação e do amor. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 269-284, 2011.

MILLER, J. A. A criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana 21, p. 7 – 12, 1998.

_. Uma partilha sexual. O sexo e seus furos. Clique -Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano, 2, 13 - 29, 2003.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. Psicologia Ciência e Profissão, vol. 24, n.1, p. 44-55, 2004.

PINHEIRO, M. F. G.; FREIRE, A. B. A devastação e sua incidência na clínica do autismo. Estilos clin., São Paulo , v. 13, n. 24, p. 146-165, 2008.

LACAN, J. Duas notas sobre a criança. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.369-370, 2003.

_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos (p. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_. O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.